

FACULDADE DE SÃO BENTO - SP

**A QUESTÃO DO MAL SEGUNDO O *DE VERA RELIGIONE* DE
SANTO AGOSTINHO**

BRUNO DE CARVALHO SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) encaminhado à comissão julgadora da Faculdade de São Bento como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Filosofia, sob a orientação do professor Doutor Joel Gracioso.

São Paulo / 2016

Silva, Bruno de Carvalho.

A Questão do Mal Segundo o *De vera religione* de Santo Agostinho. São Paulo: Faculdade de São Bento, 2016.

Graduação (Trabalho de Conclusão de Curso)

Orientação: Prof. Dr. Joel Gracioso.

1. Filosofia 2. Santo Agostinho 3. Mal 4. *De Vera Religione*
I. Título.

CDD 191

Reitor da Faculdade de São Bento

Prof. Dr. D. Carlos Eduardo Uchôa Fagundes Junior, OSB

Coordenador do Curso de Filosofia da FSB

Dr. Djalma Medeiros

BRUNO DE CARVALHO SILVA

**A QUESTÃO DO MAL SEGUNDO O *DE VERA RELIGIONE* DE SANTO
AGOSTINHO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) encaminhado à comissão julgadora da Faculdade de São Bento como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Filosofia, sob a orientação do professor Doutor Joel Gracioso.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Joel Gracioso – Orientador
FACULDADE DE SÃO BENTO

Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva
FACULDADE DE SÃO BENTO

Prof. Dr. José Carlos Bruni
FACULDADE DE SÃO BENTO

*“Renda-se como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei.
Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.”*

Clarice Lispector

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus amigos e familiares que constantemente me cobraram a conclusão desta monografia, de modo especial a minha mãe Maria José de Carvalho Silva (IN MEMORIAN), Lúcia Maria de Oliveira (IN MEMORIAN), pessoas que me ajudaram a crescer como ser humano. Aos professores da Faculdade de São Bento que me proporcionaram aulas maravilhosas nas quais ficava extasiado diante de tanta sabedoria, Maria Elisa (IN MEMORIAM), José Carlos Bruni, Franklin Leopoldo e Silva, Edson Gil, Ivo Assad Ibri, Maria Carolina Alves dos Santos, Rachel Gazzola, Dom Eduardo, Dom João Kovas Evangelista.

Agradeço aos bibliotecários que sempre me atenderam com muita cordialidade, as secretárias, de modo muito especial Nanci Oliveira. Ao meu orientador Joel Gracioso pela paciência e generosidade. Aos meus amigos Valdeliz Corrêa França, com quem tenho uma dívida imensa. Fernando Santos, Gleisson Lima, Luciana Oliveira Bergantin, Adolfo Pereira Borges, Ivani Carchano, Maria Geralda Silva, Valdir Bergantin, Elder Prates, Ana Strauss, amigos que a vida me deu de presente. Por último agradeço a Congregação Do Espírito Santo, sem eles nada disso teria acontecido, aos meus avós, Carmelito Antônio de Carvalho, Graciola Rosa de Jesus e aos meus amados irmãos, Ana Lúcia da Silva, Vander de Carvalho Silva, Raquel de Carvalho Silva, Janaina de Carvalho Silva.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo tecer algumas considerações sobre o problema do mal no pensamento de Santo Agostinho. Para atingir esse objetivo propõe-se uma análise da obra *De vera religione*, sobretudo a teoria do mal abordada pelo autor na segunda parte da obra. Por muitos anos o problema do mal atormentou Agostinho. Seu pensamento é marcado pelas mais diversas influências, sobretudo das doutrinas maniqueísta e neoplatônica. No entanto as respostas oferecidas por estas correntes filosóficas não foram suficientes para solucionar a questão que lhe angustiava. Com o intuito de demonstrar a importância dada pelo hiponense acerca deste problema apresentamos dados históricos que compõem a biografia do autor e o trajeto percorrido por ele na busca de uma solução. Neste trabalho pretende-se evidenciar o itinerário trilhado pelo hiponense na busca de inocentar Deus da responsabilidade do mal no mundo, mostrando que a causa do mal deriva do abuso do livre-arbítrio, visto que, considerado em si mesmo, este atributo da vontade é um bem concedido por Deus aos homens.

Palavras chave: Agostinho; Mal; Liberdade; Livre-arbítrio; Vontade; Maniqueísmo; Ação Moral; Responsabilidade.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to make some considerations about the problem of the evil in the thoughts of the philosopher Saint Augustine. To achieve this aim, the paper propose an analysis of the book “*De vera religione*”, specific in the theory of the evil, approached by the autor in the second part of this book. For many years the problem of the evil cause impacts in Saint Augustine. His thoughts are influenced by a diversity of ideas, especial the manichaeism and neoplatonic doctrines. However the answers given by this doctrines are not enough to solve the problem of the evil for the philosopher. With the intention to demonstrate the importance of this problem for the Augustine of Hippo, this paper presents historic data about the biography of the author and the journey covered by him in the search of a solution. This paper intends to emphasize the itinerary covered by the philosopher in the search to clear the responsibility of God for the evil of the world, showing that the cause of the evil is the abuse of free will and this attribute of God’s will is a gift granted by God to the men.

Keywords: Saint Augustine; evil; freedom; free will; will; Manichaeism; morality; responsibility.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. ITINERÁRIO INTELECTUAL DE AGOSTINHO	13
1.1 A nova academia de Agostinho	20
1.2 De vera religione	27
2. A PROBLEMÁTICA DO MAL E A BUSCA DE UMA SOLUÇÃO	30
2.1 A teoria do Mal	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
BIBLIOGRAFIA	46

INTRODUÇÃO

Para corroborar a estrutura deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), dirigir-se-á, sobretudo, aos textos originais de Santo Agostinho. No entanto para apoiar as considerações do autor desta pesquisa recorreremos aos mestres dedicados aos estudos das obras agostinianas, que conseguiram vislumbrar diante da multiplicidade de obras do autor um sistema amplo e complexo mediante aos temas tratados pelo Bispo de Hipona. O caminho percorrido por estes especialistas nos levam a perceber a grandiosidade do pensamento agostiniano no qual eles conseguiram condensar os problemas filosóficos abordados pelo autor com clareza e exatidão proporcionando àqueles que buscam adentrar no pensamento agostiniano riqueza de detalhes e exemplos que auxiliam na pesquisa dos principiantes.

O trajeto trilhado nesta pesquisa tem como objetivo demonstrar e contextualizar momentos singulares da vida do autor ao longo de sua vida e composição de suas obras, nas quais podemos entrever os questionamentos que culminaram em decisões que proporcionaram ao hiponense grande crescimento intelectual. A inquietação de Agostinho levou-o a buscar soluções mediante aos problemas que se apresentava de vários modos, sendo esta uma das características principais do autor.

Este TCC encontra-se dividido em dois capítulos. Abordamos no capítulo 1, aspectos históricos da vida do autor com o intuito de desvelar as influências filosóficas e os obstáculos transpostos por ele nesta empreitada em busca da sabedoria. O itinerário intelectual de Agostinho demonstra as dificuldades enfrentadas por ele durante sua fase de estudos mediante a pobreza de seus pais, que não pouparam esforços para custear a formação de seu filho.

A obra que é considerada como um divisor de águas na vida do hiponense será o Hortensius de Cícero. Este escrito marcou profundamente a vida de Agostinho, que após sua leitura decidiu percorrer as sendas obscuras em busca da sabedoria. Num primeiro momento, o hiponense se volta para as Sagradas Escrituras na tentativa de encontrar a sabedoria conforme apresentada na obra de Cícero. Entretanto, se decepciona e se volta para o maniqueísmo.

Agostinho permaneceu por nove anos na seita maniqueísta como ouvinte e conseguiu através de seus argumentos convencer seus amigos a segui-lo. A fase maniqueísta de Agostinho coincide com o seu sucesso profissional. A doutrina

maniqueísta fundamentada nos princípios antagônicos parecia solucionar o problema que afligia o hiponense assim que se converteu a filosofia, isto é, qual a causa de praticarmos o mal?

A impossibilidade de crescimento na seita de Mani frustrou Agostinho que após o encontro com um dos líderes da seita maniqueísta decidiu direcionar sua vida por outros caminhos. A busca pela sabedoria leva Agostinho ao encontro de algumas obras relacionadas a astrologia, onde ele considera ter encontrado algumas verdades. A decepção de Agostinho com os maniqueus será o motivo que levará o hiponense a mudar de Cartago para Roma.

Durante sua estadia em Roma Agostinho passa por algumas transformações nas quais ele reconsidera posições decididas anteriormente. Neste período, ele entra em contato com o ceticismo e decide suspender o juízo das certezas e verdades que considerava como absolutas. Após permanecer em Roma o hiponense consegue ser nomeado para um cargo público em Milão.

Na cidade de Milão Agostinho entra em contato com o Bispo Ambrósio. Através dos sermões do bispo, Agostinho reconhece os erros cometidos por ele ao julgar a religião ancestral de sua mãe. Os sermões de Ambrósio estavam absorvidos pela doutrina filosófica neoplatônica, pois ele havia recorrido a estas obras como se elas fossem uma ontologia espiritual. Contudo o despertar de Agostinho ocorreu quando o bispo de Milão mostrou através de seus sermões os erros presentes na doutrina materialista dos maniqueus.

Por não compreender completamente os sermões de Ambrósio devido as influências neoplatônicas Agostinho busca encontrar as obras desse movimento para conhecer o escopo deixado por eles. O encontro do hiponense com estas obras será de grande utilidade devido ao crescimento intelectual proporcionado por elas. As influências dessas obras estão presentes nos escritos de Agostinho, embora não seja possível deslindar o modo como elas foram absorvidas pelo autor na estruturação das suas obras, isto ocorre devido a interpretação e inovação realizada por ele ao retomar e interpretar os conceitos filosóficos pertencentes ao neoplatonismo.

O percurso trilhado por Agostinho não se trata apenas de uma busca de conhecimento, mas também de crescimento espiritual e acima de tudo a procura pela verdade. Dentre os inúmeros escritos do autor, iremos nesta pesquisa analisar o *De Vera Religione*, sobretudo a teoria do mal na segunda parte da obra. O problema do mal constitui o segundo capítulo deste trabalho.

Neste capítulo apresentamos a cosmologia agostiniana e a refutação da doutrina dualista dos maniqueus. Para refutar a teoria dualista dos maniqueus, o autor retoma o livro do Gênesis e a partir da concepção criacionista bíblica fundamenta sua tese. Abordamos também o problema do tempo, sendo este um dos temas sempre presente nas obras de Agostinho e imprescindível quando se trata da cosmologia agostiniana.

A concepção criacionista é apresentada em conformidade com o pensamento agostiniano, isto é, partindo do monismo cristão delineamos as considerações necessárias de acordo com a tese do autor. A criação do nada e suas implicações foram evidenciadas neste capítulo, no qual ressaltamos, de acordo com o autor, a beleza inerente a criação, sendo ela obra de Deus.

Por terem sido criadas por Deus toda a obra da criação é boa, mas na medida em que elas se deixam corromper tornam-se más. A corrupção da criação culmina na perda da integridade do ser, deste modo é possível perceber o elo existente entre a vida e a morte. O mal é abordado dentro da perspectiva agostiniana, isto é, primeiro tratamos do mal como problema metafísico-ontológico, em seguida como físico e por último como um problema moral.

O mal em sua última análise é visto como uma desobediência e conseqüentemente como pecado. Nessa conjuntura, o mal torna-se um problema moral devido a liberdade que os homens possuem, podendo mediante suas escolhas inscrever-se ou não na ordem estabelecida pelo Criador. Deste modo, os homens são considerados os únicos responsáveis pela existência do mal no mundo.

A capacidade deliberativa do ser humano mediante livre-arbítrio torna possível a existência do mal. Contudo, a possibilidade de superar o mal centra-se na razão humana, pois através dela o homem poderá direcionar suas ações em conformidade com a ordem existente. Dentre todos os seres, o homem é o único que pode, mediante ao uso da razão, evitar o mal e suas conseqüências, as demais criaturas seguem o movimento ordenado pelo Criador.

1 - ITINERÁRIO INTELECTUAL DE AGOSTINHO

Agostinho nasceu em 354 na cidade de Tagaste, atual Suq Ahras, e morreu em 430 em Hipona. Tagaste era uma cidade localizada no norte da África controlada pelo Império Romano. A economia desta cidade estava concentrada basicamente na agricultura. Os pais de Agostinho eram camponeses, como a grande maioria da população. Patrício era um homem de recursos escassos¹ e Mônica, como a maioria das mulheres desta época, cuidava dos afazeres domésticos. A vida de Agostinho em relação aos seus estudos será complexa devido à falta de recursos para custear sua formação.

O estudo era o único meio que os jovens encontravam para obter sucesso entre os homens da época e escapar da inércia das cidades provincianas. Para estudar o filho, Mônica e Patrício não poupam esforços e quando completa 12 anos, Agostinho é enviado à cidade de Madaura, na qual permanece por três anos com a intenção de concluir o estudo secundário². Por razões financeiras, o jovem brilhante de Tagaste quase perdeu essa oportunidade, pois nesse período viu-se obrigado a abandonar as atividades de estudante e retornar a sua cidade natal, até que seu pai juntasse dinheiro suficiente para enviá-lo a Cartago e concluir seus estudos.

Em uma determinada ocasião, de acordo com Brown, Patrício e sua família andavam malvestidos e tinham de raspar o tacho para sobreviver³. Entretanto, as dificuldades financeiras não irão impedi-lo de concluir a formação de seu filho, pois Patrício irá reivindicar, junto a um cidadão ilustre da cidade, proteção para que seu descendente continuasse os estudos. O cidadão insigne desta cidade que irá ajudar Agostinho em sua formação é o poderoso Romaniano.

Vencida as dificuldades financeiras com o apoio de Romaniano, Agostinho retoma sua formação intelectual na cidade de Cartago. Os estudos de Agostinho estavam embasados, sobretudo na leitura de alguns autores, sendo estes Virgílio, Terêncio, e Salústio. O estudo desses autores se dava numa leitura minuciosa de forma literária, deixando de lado a filosofia e o aspecto histórico. A grande lacuna que irá acompanhar Agostinho será a sua incapacidade de aprender o grego. A respeito deste

¹ Cf. BROWN, Peter. *Santo Agostinho, uma biografia*; tradução de Vera Ribeiro. 6ª Edição – Rio de Janeiro: Editora Record, 2011, p. 25.

² Cf. MATTHEWS, Gareth B. *Santo Agostinho: A vida e as ideias de um filósofo adiante de seu tempo*. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar, 2007, p. 20.

³ Cf. BROWN, op. cit., p. 25.

lapso em sua formação, Brown sugere que este fato deve-se ao método utilizado para ensinar a língua, do que propriamente às habilidades de Agostinho⁴.

A formação recebida por Agostinho visava habilitar mestres da arte da retórica, ou seja, buscava acima de tudo capacitá-lo para os discursos eloquentes com argumentação envolvente, propensa a encantar os seus ouvintes e interlocutores. De acordo com Brown:

[...] o produto ideal dessa educação era o orador, ou seja, o homem capaz de ser agradável na argumentação, por sua vivacidade, pelo domínio das emoções e por sua facilidade de falar perfeitamente apto a transmitir sua mensagem com estilo.⁵

Durante o período que viveu em Cartago, Agostinho pode se deleitar com a sua liberdade juvenil, expressar seus sentimentos e descobrir nos braços de sua concubina o amor. Desta relação nasceu Adeodato. O fim deste enlace amoroso, que durou mais de uma década, deve-se a ambição de Agostinho⁶, que vislumbrava êxito em sua vida profissional e um casamento desse tipo jamais o levaria ao cume da carreira pretendida.

Embora Agostinho tenha guardado silêncio a respeito de sua concubina, ele deixou registrado em sua obra *Confissões* o sentimento que se apoderou dele diante da separação; “[...] o meu coração, no sítio onde estava agarrado a ela, ficava feito em pedaços e em ferida, e sangrava”.⁷ Durante o tempo que viveu em Cartago, Agostinho passa por uma mudança profunda a respeito de sua religião, seria esta a sua primeira “conversão”.

A conversão a qual nos referimos é o conhecimento filosófico que Agostinho obtém através da obra de Cícero, o *Hortensius*, que exalta a busca pela sabedoria e deixa Agostinho extasiado. A influência desta obra irá acompanhá-lo pelo resto de sua vida, pois, a partir dessa leitura, o jovem estudante irá buscar na Bíblia a sabedoria, mas se decepciona, porque para ele os textos do Antigo Testamento em seu “*linguajar coloquial e os dialetos incompreensíveis eram abomináveis e o Novo Testamento era*

⁴ Cf. BROWN, op. cit. – p. 42

⁵ Ibidem, p. 42

⁶ Cf. BROWN, op. cit. – p. 42

⁷ AGOSTINHO, Santo. *Confissões*; tradução e notas de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Castro Maia de Sousa Pimentel. – Editora Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2004, XI, 85, p. 259.

apresentado por genealogias longas e contraditórias”⁸. Decepcionado com os textos bíblicos Agostinho passa a se interessar pelos maniqueus, que buscavam explicar suas teorias deixando de lado as controvérsias existentes na Sagrada Escritura.

Os maniqueus foram fundados no século III pelo profeta persa Mani, o qual acreditava que lhe fora concedida revelação direta da natureza de Deus e do universo. Seu ensinamento exerceu tanta atração em seus contemporâneos em muitas regiões do Império e para além deste, jungiu tão convincentemente os fios da tradição gnóstica existente, e tão vasta foi sua influência, que pelo século VIII abrangia até a china⁹.

Os maniqueístas chegaram a Cartago no ano 297 e apresentaram a Agostinho uma solução para o problema que o afligia assim que se “converteu” a filosofia, a saber: *“Qual é a causa de praticarmos o mal?”*¹⁰ A doutrina maniqueísta estava fundamentada na seguinte concepção: existem dois princípios que coabitam o mundo, sendo estes o bem e o mal, a luz e as trevas. O homem, formado de corpo e alma, traz dentro de si esta mescla. Para os maniqueístas eram sumamente importante que seus seguidores soubessem distinguir estes dois princípios, pois era a base singular de seu catecismo. Os adeptos desta seita, a partir deste conhecimento, teriam plena consciência que a sua alma estava dividida entre a parte boa e a má. Os maniqueístas sentiam-se empurrados ora por um lado, ora por outro, como se uma força maior os levasse a cometer ações não desejadas. O mal (Reino das Trevas) era uma força ativa, enquanto o bem (Reino da Luz) era essencialmente passivo, sendo assim os dois reinos não poderiam se chocar, caso ocorresse um confronto entre eles o “Reino da Luz” sofreria uma transformação drástica.

O sistema maniqueísta acreditava que o “Reino da Luz” e o “Reino das Trevas” embora fossem distintos, dispunham da mesma força e isto implicava no conhecimento adequado da alma, pois apenas aquele que conhecesse profundamente a sua alma seria capaz de dominar suas ações. Portanto, os maniqueístas no tocante a sua crença aceitavam que existia dentro de si algo imaculado, puro, que lhes tornava parte da

⁸ BROWN, op. cit. – p. 51

⁹ EVANS, G. R. *Agostinho sobre o mal*; tradução de João Rezende Costa. – São Paulo: Editora Paulus, 1995 - p. 29

¹⁰ Este assunto será abordado com maior afinco no segundo capítulo desta pesquisa.

substância sublime e o mal seria rechaçado de si quando houvesse a fusão com o “Reino da luz” do qual estava isolado.

Durante o tempo em que foi maniqueísta Agostinho aceitava todas as teses desta seita como verdade suprema: “*não porque o soubesse, eu mesmo, mas por querer que fosse verdade*”.¹¹ Confiante em suas argumentações e tendo como verdade os princípios basilares da doutrina maniqueísta, Agostinho havia atraído para esta seita seus amigos, que mais tarde formaria um grupo de jovens inteligentes a defenderem suas crenças, debatendo com cristãos despreparados na tentativa de argumentar a respeito de sua religião. Esta fase maniqueísta de Agostinho coincide com o êxito de sua carreira como professor¹², embora não tenha sido este o desejo de seu pai e Romaniano, que o queriam como advogado.

Terminada sua estadia em Cartago, Agostinho retorna à sua cidade natal como professor de literatura e propaga a sua nova “sabedoria”. “*Estarrecida com a nova religião de Agostinho, Mônica expulsa o filho de casa*”.¹³ Após este período em Tagaste, Agostinho regressa a Cartago. Agostinho era um homem sensível, de sentimentos profundos e constantemente viria sobre si a culpa. Esse sentimento seria evitado, sendo esta a característica mais evidente desta fase maniqueísta. De acordo com Brown, a conversão de Agostinho ao maniqueísmo está conectada a uma necessidade de “*salvar um oásis imaculado dentro de si, seria talvez esta a razão mais profunda que teria levado o jovem de Tagaste a aderir à seita maniqueísta*”.¹⁴

As devoções maniqueístas ressaltavam o “Jesus Sofredor” com o qual eles deveriam se identificar.

O auge da devoção maniqueísta era o indivíduo perceber que sua parte boa estava totalmente fundida e identificada com essa essência divina profanada, identificar inteiramente seu destino com um Salvador que também estava sendo salvo.¹⁵

Esta concepção maniqueísta provocava em seus membros um agudo dilema, no entanto, como já mencionamos, ela afirmava que apenas aquele que conseguisse

¹¹ BROWN, op. cit. – p. 59.

¹² Por um período de vinte anos Agostinho dedicou-se à docência.

¹³ BROWN, op. cit. – p. 64.

¹⁴ Ibidem – p. 62

¹⁵ Ibidem – p. 63

controlar completamente a sua identidade iria alcançar a liberdade¹⁶. A doutrina maniqueísta não era construída apenas de devoções, isto é, os seguidores buscavam entender e solucionar os problemas inerentes à religião em sua época desvinculada de qualquer traço de autoridade. O sistema criado por Mani acreditava que podia esclarecer de modo singular a criação do universo físico e tudo que estava a sua volta. O sistema maniqueísta em relação ao universo afirmava que:

O universo em si tinha resultado dessa mistura e a boa nova trazida aos maniqueus era que o mundo visível era uma gigantesca “farmácia”, na qual “destilada” a essência pura dos fragmentos destroçados do Reino da Luz. O maniqueísta, portanto, estava inteiramente inserido no mundo visível. Todos os processos físicos a seu redor aconteciam para sua salvação.¹⁷

Entretanto, não foi esta explicação cosmológica que levou Agostinho a alterar o sistema religioso elaborado por Mani. O contato de Agostinho com os membros fundamentalistas levaram-no a uma decepção com os maniqueus, mas a grande desilusão de Agostinho em relação ao maniqueísmo foi à descoberta de que “era impossível progredir nesta religião”¹⁸.

Amiúde Agostinho voltava sua atenção para o universo físico, sem deixar de lado a filosofia. Entrou em contato com algumas obras de astrologia e descobriu nelas algumas “verdades”. Para esclarecer as dúvidas de Agostinho foi enviado um líder maniqueísta, Fausto de Milevo¹⁹. As explicações dadas por Fausto não convenceu Agostinho que mais uma vez se decepcionou com os maniqueístas. Agostinho com o desejo de aprimorar os seus conhecimentos filosóficos resolve deixar Cartago e partir para Roma em busca da “sabedoria”. Durante o tempo em que viveu em Roma, Agostinho ainda não havia se desvinculado completamente dos maniqueus e confessa que ainda ansiava por ouvi-los²⁰.

A passagem de Agostinho por Roma amplia seus horizontes intelectuais. Assim que se estabeleceu nesta cidade, Agostinho foi acometido por uma doença. Contudo, o

¹⁶ Cf. BROWN, op. cit. – p. 63

¹⁷ Ibidem – p. 67

¹⁸ Ibidem – p. 69

¹⁹ Fausto era filho de um homem pobre de Milevo, e representava a ala do maniqueísmo que defendia um Cristianismo reformado.

²⁰ Cf. BROWN, op. cit. – p. 62

entusiasta de Tagaste não se decepciona com as dificuldades iniciais. Durante o tempo em que viveu em Roma, Agostinho contou com o apoio dos maniqueus, que através do senador Símaco, ouvinte dos maniqueístas, conseguiu nomeá-lo para um cargo público na cidade de Milão: “Ministro da Propaganda”.²¹ Protegido por Símaco, Agostinho foi para Milão. O tempo em que viveu nesta cidade significou para Agostinho “*novos interesses, uma nova aprendizagem e grandes possibilidades de êxito*”.²²

A chegada de Agostinho à Milão foi acompanhada pelas incertezas e desilusão. Nesta fase vivida por Agostinho fazem-se presentes as leituras das obras de Cícero. As incertezas de Agostinho, embora tenham sido por um período curto, não deixam de ser tão importantes quanto às certezas que o acompanharam durante sua juventude, no sentido em que esta será uma escada para alcançar a “verdade”.

As leituras das obras de Cícero sempre estiveram presentes na vida de Agostinho e através delas ele conhece o ceticismo. Cícero, “*em seus diálogos filosóficos, havia disponibilizado em latim as concepções céticas da Nova Academia*”.²³ A respeito do ceticismo e sua doutrina pode-se afirmar o seguinte:

Essas doutrinas tinham sido elaboradas no século II a.C. por Carnéades, um admirável lógico grego, em oposição aos estoícos. Os estoícos haviam afirmado que o homem era capaz de conhecer com exatidão a natureza do mundo que o cercava e, desse modo, agir sabiamente e com perfeita certeza, à luz desse conhecimento. Os céticos chamados de *Academicis*, “os acadêmicos” haviam negado que o conhecimento pudesse ser conquistado com tamanha facilidade. O sábio, na opinião de Cícero, deveria aprender a andar com mais cautela: sua maior virtude estava na suspensão do juízo, e seu maior perigo, na adesão desatenta a qualquer opinião isolada.²⁴

Esta posição cética a respeito do conhecimento atinge diretamente as afirmações dadas pelos maniqueístas e conseqüentemente a Agostinho. Os maniqueístas pretendiam “*oferecer certeza absoluta, direta e não ambígua a qualquer homem racional*”.²⁵ Após conhecer esta corrente filosófica houve épocas que Agostinho pensou na “*ideia de se*

²¹ Cf. BROWN, op. cit. – p. 64

²² Ibidem – p. 85

²³ Ibidem – p. 95

²⁴ Ibidem – p. 95

²⁵ Ibidem – p. 95

tornar ele próprio um cético filosófico".²⁶ Entretanto, como já temos conhecimento da busca iniciada por Agostinho para desvelar a "verdade", ele não permanece por muito tempo como cético e supera o ceticismo.²⁷ O conhecimento do ceticismo apenas aguçou em Agostinho a busca pela verdade. Agostinho nunca adotou com entusiasmo a visão radical dada pelos acadêmicos, a saber, que a "*mente humana pudesse jamais atingir a verdade*".²⁸ Esta afirmação levou Agostinho a considerar a *autoridade* como um caminho a ser aceito na busca pela verdade. Despertado pelo ceticismo, Agostinho abandona completamente as afirmações doutrinárias maniqueístas, e "*retoma o leito rochoso de sua religião ancestral*".²⁹

Neste caminho em busca da verdade aparece a figura de Ambrósio. De acordo com Brown, "*a influência de Ambrósio em Agostinho foi desproporcional a qualquer contato direto que pudesse ter havido entre os dois*".³⁰ Ambrósio era o bispo de Milão, e havia impressionado Agostinho por ser capaz de defender o Velho Testamento das críticas maniqueístas.

Agostinho aprendeu com o bispo de Milão que:

[...] quando se pensa em Deus, nossos pensamentos não devem deter-se em nenhuma realidade material, nem tampouco no caso da alma, que é aquilo que mais se aproxima de Deus no universo.³¹

O bispo de Hipona torna-se catecúmeno da Igreja católica. A respeito dessa decisão, Brown sugere que ela possa ter sido influenciada por conformidades políticas, outra possibilidade seria a intenção de desposar uma jovem católica, com um casamento arranjado por Mônica³². Durante a fase de catecumenato, Agostinho escutava aos domingos os sermões de Ambrósio que o deixavam inquieto. Ambrósio talvez tenha sido a pessoa certa para ajudar Agostinho a reencontrar o caminho da sabedoria que tanto desejava. Submerso em suas incertezas, torna-se claro para Agostinho, através dos

²⁶ MATTHEWS, 2007, p. 30

²⁷ A respeito do ceticismo Agostinho dedicou uma obra, onde se posicionava contra a teoria central desta corrente filosófica: *Contra os Acadêmicos*.

²⁸ BROWN, op. cit. – p. 96

²⁹ Ibidem – p. 96

³⁰ Ibidem – p. 102

³¹ Ibidem – p. 100

³² Cf. BROWN, op. cit. – p. 96

sermões de Ambrósio, o quanto a doutrina maniqueísta estava impregnada de materialismo.

Os sermões de Ambrósio evidenciavam que *“o homem era sua alma e seu corpo não passava de vestes esfarrapadas”*.³³ A visão que Agostinho tinha dos católicos era que eles só conseguiam pensar em Deus como sendo toscamente limitado a uma forma humana e, portanto, que seu próprio materialismo parecia mais “avançado”, porquanto ele considerava o “Reino da Luz” como matéria viva sutil, contida no mundo inteiro como uma “força”.³⁴ Agostinho estava desiludido com a cosmologia maniqueísta e, sobretudo, com a explicação da mistura dos dois “Reinos”, aproxima-se da solução proposta pelos estóicos.³⁵

Nesse momento Agostinho já percebia que *“nas Sagradas Escrituras já não é absurdo o que parecia ser absurdo”*.³⁶ Para superar as incertezas que haviam emergido de sua mente Agostinho não pode contar com a ajuda de Ambrósio. Por outro lado, ele se abriu para a *“fé católica e reconhece que ela não ensina aquilo que ele supunha e de que levianamente acusava”*.³⁷ Desse modo surge novamente a esperança de encontrar o porto seguro, no qual ele poderá dedicar toda a sua inteligência em busca da verdade.

A proximidade com Ambrósio não auxiliou muito Agostinho em suas inquietações, pois, *“nos seus sermões ele havia recorrido à obra dos filósofos pagãos, como quem recorria a uma antologia espiritual”*.³⁸ *“A decisão tomada e mais adequada neste momento foi suspender o juízo e dedicar-se a outras atividades”*.³⁹ Entretanto, a busca pela sabedoria seguida pelo desejo de encontrar a verdade leva Agostinho ao encontro do movimento denominado neoplatonismo.

1.1 – A NOVA ACADEMIA DE AGOSTINHO

³³ BROWN, op. cit. – p. 100

³⁴ Cf. BROWN, op. cit. – p. 101

³⁵ Segundo os estóicos, um “fogo” divino inviolável permeava o universo que se banhava nesse elemento qual esponja nas profundezas de um oceano sem fim.

³⁶ BROWN, op. cit. – p. 106.

³⁷ Ibidem – p. 102

³⁸ Ibidem – p. 107

³⁹ Ibidem – p. 107

Para corroborar com esta pesquisa e dado a importância histórica deste movimento para a filosofia, iremos expor de modo sucinto alguns dados pertinentes ao neoplatonismo. O precursor do neoplatonismo de acordo com Giovanni Reale foi Amônio Sacas.⁴⁰ Amônio viveu na passagem, do século II ao século III, fundou uma escola em Alexandria, onde reunia os seus discípulos. A respeito de seus ensinamentos, Amônio nada escreveu e suas mensagens eram transmitidas oralmente aos seus discípulos, que fizeram um pacto rigoroso de manter em segredo as orientações conduzidas pelo mestre.

A figura de Amônio se destaca pelo fato de haver conseguido conciliar a filosofia de Platão com Aristóteles e ministrá-la aos seus discípulos totalmente livre do espírito de polêmica.⁴¹ Amônio interpretou a doutrina de Platão num sentido criacionista, isto é:

Platão [...] faz preexistir um Deus artífice, que governa a estrutura inteira do universo visível e invisível, não gerado de alguma matéria preexistente. Com efeito, basta a sua Vontade para produzir a subsistência das coisas. Unindo a natureza física à realidade incorpórea, produziu um cosmo perfeitíssimo, duplo [= sensível] e ao mesmo tempo uno.⁴²

Devido a estas e outras interpretações do pensamento platônico muitos dos filósofos que pertenciam a este movimento se consideravam apenas interpretes de Platão, como ocorreu com Plotino, discípulo de Amônio e expoente do neoplatonismo. Plotino aos vinte e oito anos havia se entregado à filosofia, mas estava desanimado, foi então que um amigo, ao ouvir suas lamentações, intuiu o desejo de sua alma e recomendou que fosse ao encontro de Amônio.⁴³ Plotino permaneceu como discípulo de Amônio por dez anos e durante este período aprofundou seus conhecimentos filosóficos. O escopo desejado por Plotino era alcançar uma experiência direta da filosofia praticada entre os persas, ou daquela preponderante entre os hindus⁴⁴, mas não

⁴⁰ Cf. REALE, Giovanni. *Plotino e o Neoplatonismo*; tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. – São Paulo: Editora Loyola, 2008, p. 06.

⁴¹ Cf. REALE, op. cit. – p. 9

⁴² *Ibidem* – p. 9

⁴³ *Ibidem* – p. 6

⁴⁴ *Ibidem* – p. 6

obteve êxito a respeito deste anseio⁴⁵. Para Reale, a dívida de Plotino para com Amônio deve-se, sobretudo no que diz respeito ao método de pesquisa e aos conteúdos⁴⁶.

Em 243 d.C Plotino saiu em expedição com o imperador Romano Gordiano III. Durante a viagem, Gordiano foi morto na Mesopotâmia e Plotino não quis retornar a Alexandria, decidiu partir para Roma. A chegada de Plotino a Roma ocorreu no ano 244 d.C. Em Roma, Plotino abriu sua escola seguindo o estilo de Amônio. Durante um período nada escreveu a respeito de suas conversações, mas a partir de 254 d.C começou a escrever. As obras deixadas por Plotino foram organizadas por Porfírio⁴⁷, que seguiu o método adotado por Andrônico de Rodes ao organizar os escritos esotéricos de Aristóteles.

Plotino gozava de prestígio entre os nobres da cidade, e suas aulas contavam com numerosos ouvintes: grupo de mulheres, senadores e nobres orientais. O intuito de Plotino através de sua escola era *“ensinar aos homens a libertar-se da vida deste mundo para reunir-se ao divino e para poder contemplá-lo até o ápice de uma união extática transcendente”*.⁴⁸

De acordo com Reale para compreendermos a filosofia plotiniana devemos levar em consideração os filósofos predecessores, dos quais Plotino retoma alguns problemas já evidenciados e aprofunda-os dando a eles uma elaboração completamente nova. Estas correntes predecessoras das quais Reale afirma a dívida de Plotino são: os Pitagóricos, mais precisamente a doutrina da Mônada e da Díade, de Parmênides a identidade entre ser e pensamento que ganharam nas Enéadas plotiniana a luz de sua interpretação novo Espírito. Plotino ao retornar a estas fontes desenvolve com perspicácia as teorias elucidadas e as leva ao pleno desenvolvimento.

O movimento que dedicamos espaço nesta pesquisa, do qual Plotino faz parte e é considerado expoente denominado neoplatonismo, tem como fonte de inspiração a filosofia de Platão. O Platão que interessa a Plotino é o místico-teológico e metafísico.⁴⁹ As obras platônicas que podem ser consideradas como fonte para Plotino são os diálogos, *Fédon*, o *Fedro*, o *Banquete*, o *Timeu*, os livros centrais da *República*, do *Filebo* e da *Carta II*⁵⁰. Como já mencionamos nesta pesquisa, Plotino se considera

⁴⁵ Ibidem – p. 24

⁴⁶ Ibidem – p. 7

⁴⁷ Porfírio nasceu em Tiro, na Fenícia (atual Líbano), provavelmente em 234.

⁴⁸ REALE, op. cit. – p. 18.

⁴⁹ Cf. REALE, op. cit. – p. 19

⁵⁰ Ibidem – p. 19

apenas intérprete de Platão e este é considerado como autoridade autêntica, o filósofo por excelência.

Ainda, de acordo com Reale as influências presentes no pensamento de Plotino, passam por Aristóteles, Epicuro, Filo o Judeu. Contudo, a filosofia plotiniana não deve ser vista como um ecletismo, ou até mesmo um sincretismo, pois assim como ocorreu com Agostinho também sucede com Plotino, isto é, as leituras dos predecessores alcançaram neles uma inspiração completamente nova, com um sentido inédito dado a estas velhas doutrinas.

Nesta pesquisa, o intuito em explicitar dados pertinentes ao neoplatonismo deve-se, sobretudo, a tentativa de desvelar as características deste movimento presente em Agostinho, porém não nos é possível adentrar com maior afinco devido à grandiosidade e complexidade dos sistemas filosóficos abordados neste movimento, entretanto iremos no decorrer dos próximos parágrafos, abordar os aspectos ditos platônicos que se encontram no pensamento de Agostinho.

Não se podem afirmar com exatidão como as influências neoplatônicas se encontram dentro do pensamento de Agostinho, pois elas foram cabalmente absorvidas, “digeridas” e transformadas em seu pensamento⁵¹, de tal modo que nos resulta tarefa árdua tentar desentranhá-las. De acordo com Reale, no que diz respeito “*acerca do platonismo de Agostinho existe tanto a se fazer ou a refazer*”.⁵² Não nos é possível afirmar com rigor como Agostinho entrou em contato com o neoplatonismo. Brown sugere que Agostinho após ter percebido o tom especificamente platônico de alguns dos sermões de Ambrósio tenha se interessado em conhecer estas doutrinas.⁵³

Ainda de acordo com Brown, não podemos afirmar como Agostinho conseguiu os livros platônicos, a respeito deste fato indica a seguinte possibilidade: que ele “*obteve através de certo homem, inflado por uma altivez arrogante*”.⁵⁴ A respeito das fontes platônicas que influenciaram Agostinho, Dodaro e Lawless dizem não existir uma definição exata sobre esse fato, mas eles indicam supostas fontes de onde

⁵¹ O contato de Agostinho com as obras neoplatônicas levou-no a uma transformação de seu pensamento, no entanto, como nos afirma Brown à leitura destas obras foram digeridas, e transformadas. Diante deste fato a tentativa de desvelar os vestígios neoplatônicos em Agostinho torna-se uma tarefa penosa, ver Brown, p.113.

⁵² DODARO, Roberto. Lawless, George. *Agostinho e seus críticos*: p. 79.

⁵³ Cf. BROWN, op. cit. – p. 112.

⁵⁴ Idem.

Agostinho possa ter extraído os conceitos da doutrina platônica⁵⁵. Sobre as fontes platônicas Brown diz:

Só nos é possível reconstituir com dificuldade quais teriam sido esses livros e quem escreveu. Ao que parece, estariam incluídos muitos tratados de Plotino, na Tradução de Mário Vitorino para o latim, e possivelmente, pelo menos um livro de Porfírio, hoje perdido.⁵⁶

Para Dodaro e Lawless o platonismo de Agostinho é uma questão marcada por controvérsia e muito dos problemas seguem sem solução. Entretanto “*a descoberta do neoplatonismo foi, inquestionavelmente, o maior evento na história do desenvolvimento intelectual de Agostinho*”.⁵⁷ Agostinho era um platônico e deu ao platonismo uma interpretação cristã criativa⁵⁸, isto é, “*para um platônico cristão, a história do platonismo parecia convergir muito naturalmente com o cristianismo. Ambos apontavam na mesma direção. Ambos eram radicalmente extramundanos*”.⁵⁹

Sobre o cristianismo de Agostinho e o quanto as leituras neoplatônicas o influenciaram existem posições divergentes, de tal modo que o problema segue sem uma definição. A respeito deste tema há um debate iniciado em 1918 por ProsperAlfaric que defendia a seguinte tese, que Agostinho havia se convertido inicialmente ao platonismo ao invés do cristianismo. Essa tese foi extensivamente criticada e passou por diversas alterações, mas o problema central continua⁶⁰.

Sobre o platonismo de Agostinho e o seu cristianismo é provável que se possa encontrar em seu pensamento “*uma ‘conversão’ da teologia neoplatônica em termos de princípios de doutrina cristã*”.⁶¹ Este aspecto e o quanto a filosofia neoplatônica tenha o auxiliado permanece anafado de contradições, pois são muitas as hipóteses quando se

⁵⁵A respeito destas fontes platônicas Dodaro e Lawless indicam que elas poderiam ter sido encontradas em textos de Plotino ou textos plotinianos com comentários de Porfírio. As dificuldades em reconstruir os caminhos filosóficos percorridos por Agostinho principalmente nesta questão do platonismo residem nestes detalhes pequenos que poderiam eventualmente ajudar-nos a compreender o pensamento agostiniano.

⁵⁶BROWN, op. cit. – p. 67

⁵⁷DODARO & LAWLESS, op. cit. – p. 63

⁵⁸Cf. DODARO & LAWLESS, op. cit. – p. 63 e 70

⁵⁹BROWN, op. cit. – p. 112

⁶⁰Cf. DODARO & LAWLESS, op. cit. – p. 64

⁶¹DODARO & LAWLESS, op. cit. – p. 64

trata deste tema⁶². De acordo com Dodaro e Lawless o problema do cristianismo de Agostinho e a relação com o platonismo estão envoltos numa conjectura:

Por trás dessas proposições variadas jazem diversos pressupostos sobre a história da doutrina cristã quanto sobre a do platonismo. Muito da controvérsia sobre a conversão de Agostinho se assenta sobre a assunção de que a crença cristã e a filosofia neoplatônica eram simplesmente formas alternativas e opostas de pensamento.⁶³

Agostinho não foi o único a utilizar-se da filosofia para desenvolver e ampliar os horizontes do cristianismo, entretanto, talvez seja ele o mais notável, pois soube aproveitar-se dos dados filosóficos de modo admirável e conseguiu entremear com dados da religião. Muitos que procederam desta forma são acusados de distorcer o cristianismo⁶⁴. A descoberta do platonismo por Agostinho é vislumbrado por diversos prismas. Entre eles existem os que defendem a posição de que Agostinho utilizou erroneamente os conceitos platônicos ao tentar conciliá-los com o cristianismo⁶⁵, afirmando a existência de contradições. Por outro lado, as críticas se fundamentam na seguinte percepção, de que o platonismo do “*século IV e V era um sistema teológico e religioso fechado, totalmente incompatível com o cristianismo*”.⁶⁶

Os conceitos platônicos alvos de críticas são o *Eros* platônico, a doutrina trinitária de Plotino, o conceito plotiniano de emanção, e o conceito de Uno. Segundo Nygren⁶⁷, o conceito de *Eros* utilizado por Agostinho não é condizente ao conceito de *ágape* cristão. Para ele essa mistura agostiniana é contraditória, pois esta interpretação deixou a cultura clássica e o cristianismo confuso. Esta posição de Nygren é compartilhada por Victorino Capánaga.

De acordo com Paul Aubin, ao determinar evidências na doutrina plotiniana que poderiam se equiparar ao conceito trinitário de Agostinho ele deixa claro que houve uma correção realizada por Agostinho na obra *Retractationes*, do mesmo modo Heinrich Dörrie diz “*que não havia síntese possível, e que a aparente aprovação dos*

⁶² Cf. DODARO & LAWLESS, op. cit. – p. 64

⁶³ Ibidem

⁶⁴ Essa ideia da helenização do cristianismo está associada ao nome de Adolf Harnack, contudo não é ele o mentor dessa concepção, pois no ano de 1535 já havia uma publicação de Guilielmus Budaeus que abordava este fato.

⁶⁵ Cf. DODARO & LAWLESS, op. cit. – p. 67

⁶⁶ DODARO & LAWLESS, op. cit. – p. 67

⁶⁷ Cf. DODARO & LAWLESS, op. cit. – p. 65

aspectos da doutrina neoplatônica por parte de Agostinho e outros cristãos era somente uma ‘ficção apologética’”.⁶⁸

Gilson considera que o conceito de emanção foi confundido por Agostinho com a ideia “cristã de criação”. Para Flasch, esses conceitos mencionados anteriormente são preservados por Agostinho, “*mas com princípios teológicos antitéticos e destrutivos em relação a essas doutrinas*”.⁶⁹ Sobre o platonismo de Agostinho, Flasch se refere a este fato “*como um ninho de contradições*”.⁷⁰ Em relação ao conceito de Uno, Plotino diz:

Todos os seres são seres em virtude do Uno, tanto os que são seres num sentido originário como aqueles dos quais se diz que num sentido qualquer são contados entre os seres. Com efeito, o que poderia existir se não houvesse a unidade? Tanto é verdade que, apenas privados da unidade que lhes é atribuída, os seres não são mais os mesmos. Exemplificando, não há exército se não se sabe apresentar-se como uno, nem há coro nem rebanho se não são “uno”. Do mesmo modo, nem há casa nem navio se não possuem unidade, dado que a casa é uma unidade e assim também o navio, tanto assim que, se perdem a unidade, a casa não será mais casa nem o navio será mais navio. Assim também as grandezas contínuas não existiriam se nelas não estivesse presente a unidade; sem dúvida, desde que sejam cortadas, ao perder a unidade mudam o seu ser. O mesmo vale dos corpos das plantas e dos animais: cada um é uma unidade e, se escapa dessa unidade repartindo-se numa pluralidade, perde aquele primeiro ser que lhe era próprio, não sendo mais o que era; no entanto, tornando-se algo diverso, também o novo ser existe enquanto unidade; só se tem beleza quando as partes são mantidas juntamente pela virtude do uno; até mesmo a virtude da alma acontece quando as potências se fundem na unidade e, mais exatamente, numa concórdia unitária.⁷¹

Essa afirmação plotiniana de que todas as coisas possuem sua existência em vista da sua unidade será incorporada ao pensamento de Agostinho. Para Agostinho, assim como Plotino, do Uno provêm todas as coisas, ele é o fundamento e o princípio Absoluto. No entanto, essa concepção plotiniana será entendida no pensamento agostiniano a partir de sua interpretação na ideia de Deus Criador, Uno.

A dívida de Agostinho para com os filósofos predecessores como podemos perceber é extensa. Entretanto, ela é somente na medida em que serviu como base para

⁶⁸ DODARO & LAWLESS, op. cit. – p. 67

⁶⁹ Idem – p. 68.

⁷⁰ Idem – p. 67.

⁷¹ REALE, op. cit. – p. 41- 42

o hiponense lançar-se em novos horizontes, inovando os conceitos estabelecidos de modo peculiar. Sem dúvida estes conceitos foram aprimorados e surgiram com sentidos diferentes no pensamento de Agostinho. A definição trinitária, por exemplo, conforme nos apresenta Dodaro e Lawless tem suas raízes talvez em Porfírio.

Como já mencionamos nesta pesquisa, adentrar no pensamento de Agostinho com a intenção de resgatar minuciosamente as influências neoplatônicas corresponde a um trabalho amplo e extenso que até o presente momento, de acordo com os fatos expostos, está longe de uma solução plausível.

Contudo, não poderíamos deixar de expor, mesmo diante dessas dificuldades, o panorama complexo que envolve o pensamento do bispo de Hipona. Seguimos sem uma definição a respeito destas influências, mas nem por isso o espólio que nos foi deixado por ele torna-se menor. Ao contrário, nos oferece a partir destes problemas a grandiosidade de um pensador autêntico cujas fontes originárias estão envolvidas por obscuridades digna do pensamento filosófico.

Apesar do árduo trabalho de identificar e apontar traços precisos do neoplatonismo em suas obras é perceptível que Agostinho faz parte dessa tradição e deve ser compreendido nesta perspectiva. O cume alcançado pelo filósofo dentro deste movimento filosófico deve-se, sobretudo, a transformação elaborada da teologia neoplatônica, segundo Reale:

Trabalhar os detalhes dessa conversão e, assim definir precisamente o caráter desse platonismo agostiniano pós-niceno e pós-plotiniano e sua significância histórica é uma tarefa monumental. Trata-se de algo que um século de ciência crítica mal começou e para o qual a recuperação pós-moderna do neoplatonismo pouco contribuiu.⁷²

1.2 – DE VERA RELIGIONE

O pequeno tratado redigido entre os anos 387-391, expressa o compromisso assumido pelo autor logo após a sua conversão, isto é, trazer para a verdade todos

⁷² DODARO & LAWLESS, op. cit. – p. 71

aqueles que haviam sido seduzidos por ele a aderir o maniqueísmo.⁷³ A obra é endereçada ao seu amigo e compatriota Romaniano. Os temas abordados por Agostinho no *D.V.R.* embora o intuito dele seja converter o seu amigo, não se restringem a uma exposição esquematizada da doutrina cristã católica. O trajeto percorrido pelo autor na composição do opúsculo nos oferece uma multiplicidade de problemas, sendo estes objeto de estudo e análise constante do hiponense durante a sua vida.

No *De vera religione*, o autor busca acima de tudo refutar a doutrina dualista defendida pelos maniqueus. Embora a obra esteja situada num clima de disputa, na qual o autor busca tenazmente combater as heresias manifestadas pelos opositores da religião católica, não deixa de nos revelar a grandiosidade do pensamento agostiniano. O autor consegue abarcar os grandes problemas inerentes à cultura religiosa de sua época e mediante as falácias defendidas pelos seus opositores, o sábio Agostinho com sua mente perspicaz tece uma argumentação afinada. Ele demonstra a sua capacidade criativa e maturidade na construção do texto, evidencia os erros cometidos por eles e apresenta as verdades concernentes ao catolicismo.

Outrora adepto e ouvinte da seita de Mani, o hiponense agora busca dissipar os erros que ele mesmo cometeu enquanto buscava a verdade. Com a visão turvada, permaneceu Agostinho por nove anos no maniqueísmo, mas como sabemos ele jamais se acomodou. Sua inquietude o levava constantemente a procurar a verdade e o desejo pelo conhecimento se apresenta na perspectiva agostiniana como uma ponte que nos levará a encontrar a verdade sendo esta a meta estabelecida pelo autor.

A concepção dualista dos maniqueus é combatida por Agostinho. Para os maniqueístas existem duas almas que coabitam o corpo, sendo uma boa e a outra má, a primeira foi criada por Deus e a outra oriunda das trevas, sendo a mesma independente e coeterna. Esta alma originada das trevas rebelou-se contra Deus e por não conseguir detê-la, Deus enviou-a a terra e foi dessa mistura que o mundo foi fabricado. Ou seja, da sua própria substância mesclada deu-se início a tudo que existe e a força da alma má foi neutralizada.

Não há ninguém melhor que Agostinho para nos falar do maniqueísmo e de conversão, pois ele percorreu e sentiu em sua própria carne as dores e angustias ao desejar aprofundar sua fé e crescer como homem, diante dos obstáculos desse trajeto teve que enfrentar cada problema que surgia e superá-los. Logo podemos dizer que o

⁷³ Cf. AGOSTINHO – (*A verdadeira religião; O cuidado devido aos mortos*), 2002 – p. 15

autor possui autoridade e conhecimento suficiente para delinear um caminho para aqueles que desejam encontrar a verdade.

No *De vera religione*, está presente a metafísica da interioridade, na qual entrevemos o esforço e a tensão vivida na caminhada de Agostinho que teve seu ápice na sua conversão ao catolicismo, sendo esta, a via da interioridade, a qual é estabelecida pelo autor como uma senda segura e eficaz para o encontro definitivo da verdade e conforme destaca o hiponense, ela está presente no coração do homem.⁷⁴

Dentre os múltiplos problemas abordados no opúsculo, iremos nos dedicar ao estudo do problema do mal. A existência do mal devido a sua complexidade constitui no pensamento agostiniano uma reflexão constante, na qual o autor dedicou boa parte de seu tempo em analisar o problema pormenorizadamente. A preocupação de Agostinho com o problema do mal teve início na sua juventude, mas a trajetória percorrida por ele em busca de uma solução para o problema perdurou por longos anos. O anseio de encontrar uma resposta que lhe acalmasse o âmago levou-o a caminhar por vales obscuros.

O problema do mal conforme fora abordado por Agostinho e como podemos perceber mediante a sua preocupação trata-se não somente de uma teoria ou mais um problema meramente acadêmico, mas de algo que está intrinsecamente conectado a existência humana. Será dentro dessa perspectiva que ele irá abordar o problema, tendo as ações humanas como fonte principal de suas observações, nos dirá o hiponense que o homem é o único responsável pela existência do mal no mundo. Isto é, mediante a liberdade que eles possuem serão considerados transgressores da ordem estabelecida pelo Criador, de tal forma que sendo eles os únicos seres dotados de razão, a responsabilidade da existência do mal é totalmente deles.

⁷⁴Cf. AGOSTINHO – (*A verdadeira religião; O cuidado devido aos mortos*), 2002 – p. 98

2 – A PROBLEMÁTICA DO MAL E A BUSCA DE UMA SOLUÇÃO

Para melhor compreendermos o trajeto trilhado pelo hiponense na busca de uma resposta ao problema do mal, iremos demonstrar a teoria cosmológica proposta por Agostinho, na qual o hiponense atesta com veemência o monismo cristão assegurando que toda a obra criada tem como princípio único Deus, que tudo fez do nada e a tudo governa. O autor ainda enfatiza que toda a obra criada é boa.

*Graças te sejam dadas, Senhor! Vemos o céu e a terra, parte corporal superior e inferior, ou criação espiritual e corporal. [...] Vemos o firmamento do céu, quer o que está entre as águas espirituais superiores e as corporais inferiores, corpo primeiro do mundo, quer este espaço do ar, porque também se chama céu, através do qual vagueiam as aves do céu. [...] Vemos a natureza húmida por toda a parte fecunda e peixes, em feras e em aves. [...] Vemos que a face da terra se embeleza de animais terrestres, e que ao homem, feito à tua imagem e semelhança, por esta mesma imagem e semelhança, isto é, pela força da razão e da inteligência, foi dado o domínio sobre todos os animais irracionais. E como na sua alma existe uma parte que domina dirigindo, outra que se submete obedecendo, assim também vemos que foi criada também corporalmente para o homem a mulher, de modo a ter, de facto, na mente, uma natureza igual em inteligência racional, mas a estar sujeita no sexo do corpo ao sexo masculino, assim como o apetite da acção está submetido para, a partir da razão da mente, conceber a capacidade de agir rectamente. Vemos estas coisas, e cada uma delas individualmente é boa, e todas em conjunto são muito boas.*⁷⁵

As ideias cosmológicas de Agostinho têm como principal objetivo refutar a teoria dualista defendida pelos maniqueus, que concebia a origem de todas as coisas a partir dos dois princípios antagônicos. Na concepção maniqueísta, a origem do mal se encontra no universo físico, isto é, ela é resultante do princípio das trevas. Para os maniqueus, os homens estavam determinados a fazerem o mal, desta forma, o mal foi considerado por Agostinho como algo natural e não moral. Contudo, o hiponense questionava-se constantemente sobre a existência do mal em meio à beleza da obra

⁷⁵ AGOSTINHO, Santo. *Confissões*; tradução e notas de Arnaldo do espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel; introdução de Manuel Barbosa da Costa Freitas; notas de âmbito filosófico de Manuel Barbosa da Costa Freitas e José Maria Silva Rosa. Edição bilíngue, 2ª edição – Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira. Imprensa nacional Casa da Moeda, Lisboa, 2004 – Livro XIII, 47. p. 751, 753.

criada por Deus e buscou responder ao problema deixando de lado o dualismo maniqueu fundamentando a sua teoria em conformidade com a doutrina cristã.

Para combater a tese cosmológica defendida pelos maniqueus o bispo de Hipona retoma o livro do *Gênesis*. O livro escriturístico será interpretado em dois sentidos, alegórico e literário. Os maniqueus criticavam impiedosamente o relato da criação exposto no livro bíblico “*e com essa crítica, zombavam de nossos irmãos débeis e infantis*”.⁷⁶

Costumam os maniqueus criticar dessa maneira o primeiro livro do Antigo Testamento que tem o seguinte título, *Gênesis*: No princípio, Deus criou o céu e a terra, perguntam: Em que princípio? E dizem: Se Deus fez o céu e a terra em algum princípio, o que fazia antes de criar o céu e a terra? E por que de repente lhe aprouve fazer o que nunca fizera antes nos tempos eternos?⁷⁷

A teoria cosmológica de Agostinho tem Deus como único Criador de todas as coisas, ou seja, tudo que existe foi feito por Ele a partir do nada, isto é, do não ser absoluto, Deus com o atributo da onipotência fez vir a ser as criaturas. “*Deus fez todas as coisas com o que não tem forma nem beleza, isto é, com o nada. Nada, e nada mais que nada*”.⁷⁸ A criação do nada, no latim, *exnihilo*, não deve ser entendida como criação a partir de um nada substancial, como se o nada fosse alguma coisa, mas criação do não-ser absoluto, sem precisar de matéria pré-existente⁷⁹.

Mesmo supondo que o mundo seja feito de alguma matéria informe, essa matéria foi tirada totalmente do nada. Pois, mesmo o que ainda não está formado: sem dúvida alguma, de algum modo já tem iniciada a sua formação. Ser susceptível de forma é benefício de seu Autor, e

⁷⁶ AGOSTINHO, Santo. *Comentário ao Gênesis*; tradução de Agostinho Belmonte. – São Paulo: Paulus, 2005 (Coleção Patrística), Livro I, 2. – p. 501.

⁷⁷ Idem – p. 503.

⁷⁸ AGOSTINHO, Santo. *A verdadeira religião*; tradução de Nair Assis de Oliveira. – São Paulo: Paulus, 2002 (Coleção Patrística) – p. 59.

⁷⁹ Cf. AGOSTINHO, Santo. *A Natureza do Bem*; tradução de Carlos AncêdeNougé; apresentação de Sidney Silveira. 2ª edição. – Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006 – p. 33.

possuí-la é bem. [...] E assim, tudo o que é, enquanto é, e tudo o que não é, enquanto pode vir a ser, tem de Deus, sua forma ou possibilidade de ser formado⁸⁰.

Na concepção agostiniana o ato criativo tem suas raízes unicamente na vontade do Criador. A vontade de Deus é suficiente para explicar a causa da criação, ainda que o ato criativo se caracterize como expressão da bondade divina, ela não configura como causa do ato criador, pois ela não é efeito necessário resultante dessa bondade, ao contrário, encontra-se na vontade divina que através de um ato livre criou todas as coisas e “*a vontade divina determina-se a si mesma*”.⁸¹ Sendo assim, não se deve procurar uma causa ulterior.

O ato criativo não foi algo realizado de modo arbitrário, pois a criação antes mesmo de ser concebida já estava presente no intelecto divino, isto é, na forma de ideias. Essa concepção platônica é retomada e incorporada na teoria desenvolvida por Agostinho que realiza uma nova interpretação da teoria de Platão.

As coisas, com efeito, têm dupla existência: uma, real, sucessiva a criação, e outra, ideal no espírito de Deus. Do mesmo modo que um artista humano deve preconceber a obra que vai produzir, assim Deus, o Artista eterno, possui uma ideia previa de cada criatura em Sua “arte eterna”. Nesta arte eterna as ideias vivem de uma vida espiritual; denominam-se “*rationes*” “*formae*” ou “*regulae*” por serem os protótipos ou modelos originais das coisas que irão ser criadas. O nome de ideias ou formas vem de Platão. Mas ao passo que este lhes atribuía uma existência separada, Agostinho as faz existir no próprio Deus ou no verbo divino.⁸²

A preexistência da criação na forma de ideia nos leva a perceber no ato criativo a presença da vontade do Criador, sendo esta uma das características essenciais para que a criação viesse a existir. A concepção do nada, conforme destacamos, significa

⁸⁰ AGOSTINHO – (*A verdadeira religião; O cuidado devido aos mortos*), 2002 – p. 59

⁸¹ PHILOTHEUS, Boehner. GILSON, Étienne. – p. 175

⁸² Ibidem

absolutamente nada, pois se a criação tivesse sido feita com matéria preexistente, Deus não seria onipotente e por terem sido feitas do nada existem nas criaturas uma “imperfeição”.

Para aqueles que perguntam o que Deus fazia antes da criação, o autor irá dizer que estes não conseguem compreender a diferença existente entre tempo e eternidade. A eternidade difere do tempo, pois ela não está sujeita as mudanças, ou seja, o tempo somente faz sentido tendo em vista as criaturas, pois somente elas estão sujeitas as vicissitudes que são acarretadas por ele. O tempo tal como é concebido por Agostinho passou a existir no momento em que Deus fez o céu e a terra, pois antes não havia tempo.

Ainda que acreditemos que Deus fez o céu e a terra no princípio do tempo, devemos, por outro lado, entender que antes do princípio do tempo não havia tempo. Por isso não podemos dizer que havia algum tempo, quando Deus nada ainda havia feito. Pois como poderia existir o tempo que Deus não havia feito, sendo ele o criador de todos os tempos?⁸³

O tempo é transcendido por Deus, pois somente Ele é eterno, enquanto nós e as demais criaturas somos temporais, por isso não conseguimos solucionar este problema. Outros filósofos já haviam tratado deste tema, mas Agostinho considera que eles procederam de modo leviano e se anteciparam na solução. Para eles, “*Deus sempre existiu e criou o mundo desde sempre, mas de tal maneira que o mundo teve um começo ou princípio na ordem ontológica, não porém na ordem temporal*”⁸⁴, logo o mundo seria uma criatura eterna. Esta afirmação é refutada por Agostinho, pois segundo ele, ela confunde o conceito de tempo com eternidade, conforme podemos constatar na seguinte afirmação dada pelo hiponense:

⁸³ AGOSTINHO (*Comentário ao Gênesis*), 2005 – Livro I, 3 - p. 503

⁸⁴ PHILOTHEUS & GILSON, op. cit. – p. 177

O tempo é essencialmente uma existência parcelada, pois no momento presente o passado já deixou de existir, e o futuro ainda não existe. O presente só pode existir num instante indivisível. Se imaginarmos este instante como algo extenso num certo espaço de tempo, ele tornará a dividir-se, por seu turno, num passado, num presente e num futuro; o momento presente, porém não tem extensão. [...] E assim as três dimensões do tempo reduzem-se ao presente, em cuja lembrança o passado ainda vive de algum modo, e em cuja expectativa já vive o futuro. O presente, porém, transcorre sem cessar a fim de dar lugar a um novo presente. De sorte que o tempo é por essência inconstante e criatural; seu ser consta de instantes indivisíveis, donde ser ele essencialmente diverso da eternidade permanente imóvel.⁸⁵

A busca de solução para este problema suscita grandes questionamentos, tais como se o tempo é indivisível ele não poderá ser mais longo ou mais breve? E como podemos medir a extensão do passado, sendo que ele já não existe mais? Realmente podemos falar em tempo longo ou breve? Alguns pensadores com o intuito de solucionar este problema do tempo identificaram-no com o movimento. Desta forma eles eliminaram um problema, mas criaram outro.

Se o movimento corporal consiste na passagem de um ponto do espaço a outro; mas esta mudança local é sempre a mesma, irrespectivamente à duração mais ou menos longa do movimento. E mesmo quando um corpo está imóvel pode-se determinar-lhe mais ou menos o tempo de repouso. Logo, o tempo que mede o movimento, e o movimento que mede o tempo, são duas coisas diferentes. Com que meço, então, o tempo?⁸⁶

A solução encontrada por Agostinho será denominado *distencio animi*, ou distensão da alma. Essa distensão permitirá a coexistência do passado, presente e futuro, sendo possível a percepção e medir a duração. O tempo em si mesmo não permite a existência de meios que possam medi-lo, exceto o tempo passado. Entretanto, quando falamos do modo como a alma percebe o tempo, isto é, como ela registra em sua memória, desta forma é possível medi-lo, o mesmo ocorre com o futuro, pois “*a alma é uma atenção extensa e distensa, que continua a reter o que vai escoando, e já apreende o que está por vir*”.⁸⁷

⁸⁵ Ibidem

⁸⁶ Ibidem

⁸⁷ Ibidem

Contudo, não nos cabe aqui analisar o problema do tempo de maneira singular, o nosso intuito foi apenas demonstrar a existência dele no pensamento agostiniano e evidenciar a conexão imprescindível desse conceito à teoria cosmológica de Agostinho. De acordo com Agostinho, a criação se encontra no tempo, estando ela sujeita a todas as intempéries causadas por ele. O tempo caracteriza-se como um problema infundável, ainda hoje, ele suscita grandes questionamentos, de tal modo que Gilson sabiamente expressou da seguinte forma: o “tempo é e sempre será algo de enigmático para nós”.⁸⁸

2.1 – A TEORIA DO MAL

Na perspectiva agostiniana, todas as coisas foram feitas por Deus, logo, não há espaço para o mal num universo criado por um ser que é acima de tudo o sumo bem. As observações constantes de Agostinho levaram-o a perceber na obra criada sinais que evidenciavam uma ordem que tudo regia e dava beleza à criação. Deus concebeu seres perfeitos para viverem na perfeição. A existência do mal torna-se uma incógnita, como conceber sua existência no universo sendo este criado e governado por Deus? A desordem conforme dirá Agostinho não se trata de algo natural, mas provêm do homem. Somente os homens podem ser responsabilizados pela existência do mal. Eles são os transgressores da ordem estabelecida pelo Criador.

A existência do mal no mundo sempre preocupou Agostinho, por isso o autor se dedicou por mais de cinquenta anos a estudar o tema pormenorizadamente⁸⁹. A pergunta pela origem do mal sempre esteve presente nas suas reflexões. “*Se tudo provém de Deus, que é o Bem, de onde provém o mal?*”⁹⁰ O longo caminho percorrido pelo hiponense na busca de solucionar o problema levou-o a considerar a explicação dualista dos maniqueus como uma resposta, mas foi na filosofia plotiniana que Agostinho encontrou alguns conceitos que contribuíram para solucionar a questão. Entretanto, nem

⁸⁸ Ibidem

⁸⁹ Cf. EVANS, G. R. *Agostinho sobre o mal*; tradução de João Rezende Costa. – São Paulo: Ed. Paulus, 1995 - p. 9.

⁹⁰ NUNES, Mariane Moraes. *Livre arbítrio e ação moral em Agostinho: Um estudo a partir do Libero Arbitrio*. – Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2009. (Dissertação para o Programa de pós-graduação em Filosofia) – p. 31.

o maniqueísmo, tampouco o neoplatonismo foram suficientes para responder aos anseios de Agostinho a respeito do problema que lhe atormentava.

Embora o maniqueísmo e o neoplatonismo tenham corroborado na construção de uma resposta ao problema, Agostinho aprofunda ainda mais a questão e inicia sua investigação a partir das características com que o mal se reveste, sendo estas consideradas pelo autor em três níveis, **metafísico-ontológico, físico e moral**.

O problema do mal foi abordado em diversas obras escritas pelo hiponense, embora elas estejam situadas em momentos singulares da vida do autor, é possível destacar aspectos comumente a elas. A capacidade intelectual e criatividade de Agostinho lhe proporcionava abordar o mesmo tema com perspectivas diferentes e inovadoras, e assim ele procedeu diversas vezes ao retomar o problema do mal. Contudo, iremos no decorrer dessa pesquisa nos concentrar na obra *De vera religione*, mas na medida em que julgarmos necessário iremos recorrer aos outros escritos do autor e comentadores.

Na concepção agostiniana a origem do mal não se encontra em Deus, isto é, sendo Ele “*o bem supremo, não há nenhum bem acima ou fora dele. Assim Deus não pode mudar uma vez que, não havendo qualquer bem a ser adquirido, ele não tem nada a perder nem a ganhar*”.⁹¹ Para Agostinho os homens são os únicos responsáveis pela existência do mal no mundo e a partir desta concepção, o hiponense irá analisar o mal nas características que evidenciamos anteriormente. A primeira solução encontrada pelo hiponense situa o mal como um problema metafísico.

O primeiro passo da solução agostiniana prende-se à dimensão metafísica do mal. O mal não é um princípio substancial, ou uma natureza entre outras, mas deve ser visto antes como consequência da finitude de todas as naturezas, de todos os seres, pelo fato de serem criaturas. Todas estão ordenadas, em graus que se aproximam da perfeição divina. O grau de “ser” e de (im)perfeição constitui sua ordenação no mundo segundo um gênero determinado. Como vimos, fundamentalmente dessemelhantes de Deus, porque diferem metafisicamente de seu Criador, as criaturas são também semelhantes a ele, vestígios dele. O mal vem a ser explicado neste nível em razão da dessemelhança: cada ser, à medida que não é idêntico ao Criador, carece de perfeição. Esta falha, ou carência, é o mal, ou finitude

⁹¹ GILSON, Étienne. *Introdução ao estudo de santo Agostinho* / por Étienne Gilson da Academia Francesa; tradução de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. – São Paulo: Discurso. Editorial; Paulus, 2006 - p. 271.

irrecorrível de cada criatura, sua impossibilidade de ser plenamente (o que está reservado apenas ao Criador).⁹²

A imperfeição ou diferença entre os seres só é percebida, ao serem comparados entre si e estes com a suprema perfeição. Sendo assim, a corrupção só pode ocorrer nos seres criados. A explicação que o hiponense nos apresenta para justificar a vulnerabilidade dos seres criados diante do mal tem suas raízes sólidas na teoria cosmológica proposta pelo autor, isto é, por terem sido feitas do nada as criaturas carecem de certa integridade⁹³, sendo esta a causa que as torna sujeitas as artimanhas do mal. O único ser necessário e absoluto é Deus, as criaturas são limitadas e contingentes. Entretanto, o mal não é parte intrínseca da criação, não faz parte do seu ser, pois, por terem sido criadas por um Deus sumamente bom, todas as criaturas são boas.⁹⁴

Isso é o que exprimimos dizendo que Deus é imutável e eterno. As criaturas, ao contrário, só existem por ele, mas não são dele. Se fossem dele, elas seriam idênticas a ele, ou seja, não mais seriam criaturas. A origem delas, sabemos, é totalmente outra. Criadas, elas foram tiradas do nada por ele. Ora, o que vem do nada não participa somente do ser, mas do não ser. Logo, nas criaturas há um tipo de falta original que, por sua vez, engendra a necessidade de adquirir e, conseqüentemente, de mudar. Tal é a origem metafísica de sua mutabilidade.⁹⁵

A solução proposta por Agostinho para sair desse entrave fundamenta-se nos “atributos universais que fazem as coisas criadas serem boas”⁹⁶, desta forma “*todo ser em qualquer grau que se encontre, é algo de bom*”.⁹⁷ Logo, não existe nenhum tipo de mal na perspectiva metafísico-ontológico. O que existe são graus diferentes de ser, uns superiores e outros inferiores. No entanto, as qualidades pertencentes a cada ser foram concedidas por Deus, sendo estas, medida, forma e ordem, ainda que estas sejam

⁹² NOVAES, Moacyr. *A razão em exercício: estudos sobre a filosofia de Agostinho*. 2ª. Edição. – São Paulo: Discurso. Editorial; Paulus, 2009 - p. 290.

⁹³ Cf. AGOSTINHO – (*A verdadeira religião; O cuidado devido aos mortos*), 2002 – p. 60

⁹⁴ Ibidem

⁹⁵ GILSON, 2006 – p. 272

⁹⁶ Ibidem

⁹⁷ AGOSTINHO – (*A verdadeira religião; O cuidado devido aos mortos*), 2002 – p. 58

ínfimas, não deixam de ser um bem. Desta forma, o mal só pode existir na medida em que uma dessas qualidades for corrompida. Nesta conjuntura, o mal metafísico-ontológico não se caracteriza como injustiça divina, mas apenas a forma de ser contingente de cada criatura, pois o único ser necessário, eterno e absoluto é Deus. Para Agostinho, as criaturas só podem alcançar a plenitude do ser na medida em que permanecem unidas ao Criador.

O mal na percepção agostiniana trata-se sobretudo da corrupção do ser e esta por sua vez culmina na perda repentina da integridade.⁹⁸ A origem do mal segundo Agostinho se deve ao desvio voluntário dos homens, isto é, na medida em que eles deixam de amar o seu Criador e buscam seu deleite nas coisas inferiores deixando-se corromper e provocando a desordem no mundo. As consequências desse desvio serão o sofrimento, o castigo, a dor. Essa perda repentina da integridade devido a corrupção será denominada pelo autor como privação.

[...] Está assim ordenado para aquelas regiões que levam à miséria de seus prazeres e suas dores. Pois o que é a dor, a chamada dor física, senão a perda repentina da integridade do corpo que por abuso da alma caiu sujeito à corrupção? E no que consiste a dor dita da alma, senão na privação das coisas perecíveis de que a alma desfrutava ou esperava desfrutar? A isso se reduz tudo o se chama de mal, isto é, o pecado e o castigo do pecado.⁹⁹

O mal consiste então na privação de um bem, isto é, na perda da integridade do ser. No entanto, pode se considerar má apenas a natureza que foi corrompida na sua medida, forma ou ordem, caso contrário ela seria boa. A natureza só é má na exata proporção em que se corrompeu. Sendo assim, o mal “*é privação de um bem que um sujeito deveria possuir, uma falta de ser o que ele deveria ser e, por conseguinte, um puro nada*”.¹⁰⁰

Embora estas características estejam diretamente ligadas ao problema do mal como consequências imediatas de uma determinada ação, o autor destaca que o mal não

⁹⁸ Cf. AGOSTINHO – (*A verdadeira religião; O cuidado devido aos mortos*), 2002 – p. 48

⁹⁹ AGOSTINHO – (*A verdadeira religião; O cuidado devido aos mortos*), 2002 – p. 48

¹⁰⁰ GILSON, 2006 – p. 273

é uma substância¹⁰¹, “*pois não passou, porém, do bem substancial ao mal substancial, porque nenhuma substância é má*”¹⁰², de tal modo que o mal será tratado no pensamento agostiniano como ausência de um bem devido ou privação. O mal físico conforme assinalamos consiste na diminuição de um bem, ou seja, na privação de algo que pertenceria a integridade do ser. O mal físico pode advir de diversas formas, como a dor, o sofrimento, desastres naturais, doença e também como castigo. Cada ser humano é responsável pelas suas ações e na medida em que estas não estejam em conformidade com a ordem estabelecida o mal pode se propagar na forma de diversos males físicos.

Quando Agostinho define o mal como privação, ele consegue liberar Deus da responsabilidade de sua existência no mundo, isto é, o mal não faz parte da criação, mas trata-se de uma ausência de ser. Tudo que existe foi criado do nada e o que vem do nada está sujeito à corrupção. Sendo assim o mal denominado como privação só pode existir num bem, e na medida em que o ser se corrompe aproxima-se do menos ser e consequentemente do nada e isso é o mal.

Segundo Agostinho, o que chamamos de mal ou desordem do universo não passa de um déficit ou falta de conhecimento por parte do ser humano. A limitação humana diante do universo impossibilita o homem de vislumbrar e compreender a totalidade ou o conjunto do cosmos. Todas as coisas existentes estão em perfeita harmonia e são boas. Os efeitos do mal não deturpam a ordem estabelecida, pois eles são absorvidos pela providência divina que a tudo governa, desse modo eles colaboram para a harmonia e ordem do universo.

A beleza e harmonia do universo mesmo diante das destruições e morte não se configuram como mal dentro dessa perspectiva. A sucessão dos seres não enfeia a criação e tampouco destrói sua harmonia, pois tudo está disposto de acordo com a ordem estabelecida pelo Criador tal como um poema, onde cada verso cede lugar ao outro, e assim sucessivamente. Sendo assim, o universo é um grande palco onde cada ser será sucedido por outros sem danificar a beleza inerente da criação, que é acima de tudo bela.

Para o hiponense Deus há de fazer bom uso dos males para manter a ordem do universo, procedendo da seguinte forma: corrigindo os infratores através de castigos

¹⁰¹ Cf. AGOSTINHO – (*A verdadeira religião; O cuidado devido aos mortos*), 2002 – p. 61

¹⁰² AGOSTINHO – (*A verdadeira religião; O cuidado devido aos mortos*), 2002 – p. 61

com a intenção de trazê-los novamente a ordem estabelecida. No entanto, a resposta de Agostinho ao problema do mal se centra no livre arbítrio humano. A existência do mal está intrinsecamente conectada à vontade humana. Ao homem Deus concedeu uma alma racional com capacidade de deliberar sobre suas ações e a Ele permanecer unida, mas quando eles deixam de seguir estes preceitos mediante sua vontade livre culmina no que chamamos de mal.

O mal é fruto dessa liberdade que o homem possui. Um desvio voluntário que acarreta no distanciamento da norma racional mediante a prática de ações contrárias a ordem estabelecida pelo Criador. Neste sentido, o autor identifica o mal como pecado.¹⁰³

Ora, quando se observa bem, ninguém nega a existência do pecado, ao admitir sua correção pela penitência e ainda o perdão concedido ao arrependido. A perseverança no pecado é considerada justamente condenável pela lei de Deus. Enfim, se o mal não fosse obra da vontade ninguém deveria ser repreendido ou admoestado. [...]. Logo, à vontade deve ser atribuído o fato de se cometer pecado. E como não há dúvida sobre a existência do pecado, tampouco se haverá de duvidar do que se segue: que a alma é dotada do livre-arbítrio de sua vontade¹⁰⁴.

A existência do mal no mundo se dá através da liberdade humana, logo poderíamos questionar se Deus não tivesse concedido o livre-arbítrio aos homens o mal não existiria. Para responder a este problema o autor estabelece que a liberdade é acima de tudo um bem, caberia então ao homem mediante ao uso da razão aproximar-se cada vez mais do Criador. No entanto o homem pode através de sua vontade livre apegar-se as coisas efêmeras e transitórias ao invés de buscar o imutável, o eterno, na qual ele alcançaria a verdadeira plenitude da vida, isto é, a felicidade.

A partir desta interpretação, o livre arbítrio não pode ser considerado como mal, pois há várias coisas que nos foi concedida por Deus e elas em si mesmas não são más,

¹⁰³ AGOSTINHO – (*A verdadeira religião; O cuidado devido aos mortos*), 2002 – p. 50

¹⁰⁴ Idem – p. 51

por exemplo, as nossas mãos. Na medida em que elas são utilizadas por nós é que poderemos julgá-las como algo mal. Se usarmos as nossas mãos para empurrar alguém numa escada a ação em si é má, não a mão, sendo assim a vontade livre que nos foi concedida por Deus é em si mesma um bem, o uso que fazemos dela é que determina a existência do mal no mundo. O mal advém sobretudo das nossas ações, *“todo o mal reduz-se a isso”*.¹⁰⁵

A vontade é um poder concedido aos homens para que eles pudessem por intermédio dela seguir a ordem estabelecida, mas quando ela é subvertida culmina na desestabilização da ordem hierárquica da criação. O mal consiste então na subversão da vontade, isto é, nas escolhas erradas cometidas pelos homens. Isto ocorre quando os homens deixam de buscar os bens eternos para se apegarem aos bens temporais ao invés de transcendê-los. Desta forma, constatamos que o mal reside no mau uso da vontade, sendo esta um bem concedido por Deus.

Desse modo, o único mal que pode ser chamado propriamente de mal é aquele fruto do livre-arbítrio, ou seja, da vontade humana. O mal reside nas escolhas humanas, na capacidade deliberativa que o homem possui mediante a sua vontade ao optar por agir de determinado modo contrário a ordem estabelecida. Esta ação voluntária e deliberativa será considerada pelo autor como pecado. A vida do homem antes do pecado era plena, não havia morte ou dor, sua relação com o Criador era fecunda. A ruptura dessa aliança ocorreu devido a desobediência humana e desde então, o homem começou a sofrer pelo desvio cometido. *“Se a vida tende ao nada foi por ter se desviado por uma defecção voluntária de quem a criou, e cujo ser desfrutava”*.¹⁰⁶

Por amar as coisas inferiores, o homem passou dos bens eternos aos efêmeros, abandonou a Deus e precipitou-se naquilo que chamamos de pecado, o mal voluntário. A vontade humana optou pelo pecado, desviando-se do seu Criador. A causa deste desvio encontra-se no nada, ou seja, naquilo que não tem ser. O pecado por sua vez poderá ser considerado como ausência de amor por Deus.¹⁰⁷

O motivo da defecção voluntária dos homens ao optarem por caminhos contrários ao ordenado está na mutabilidade da vontade humana, sendo ela criada do nada conseqüentemente ela é imperfeita. “Enquanto as demais criaturas se inscrevem

¹⁰⁵ Idem – p. 61

¹⁰⁶ Idem – p. 46

¹⁰⁷ Cf. GILSON, 2006 – p. 279

necessariamente na ordem e correspondem ao “*movimento*” realizado pelo Criador, o livre-arbítrio tem a possibilidade de se inscrever ou não, voluntariamente, isto é, de fazer ou não num movimento que espelhe a bondade e sabedoria do Criador”.¹⁰⁸

O mal no pensamento agostiniano ocorre em virtude do desvio voluntário do homem. O caminho estabelecido pelo hiponense como superação das ações más e pecaminosas reside na superioridade da alma racional em relação ao corpo. Segundo Agostinho, somente através da razão o homem será capaz de agir corretamente dominando todos os vícios que são contra a natureza da alma. Segundo a doutrina cristã, o homem é capaz de saber pela sua razão ser criado por Deus e para Deus. O homem vive neste mundo relacionando-se naturalmente com tudo o que nele existe, mas sabe que não foi feito para nele permanecer eternamente. Pela razão o homem consegue identificar que a felicidade plena não se encontra nos bens temporais, embora seja dela dependente enquanto permanece neste estado, mas a vida plena e feliz só será possível quando ocorrer à união com Deus.

Para Agostinho, a razão é um privilégio dos homens diante dos animais, seria esta faculdade presente no homem que mais se assemelha ao Criador e também aos anjos por serem eles racionais. A razão é a melhor qualidade dos homens, pois é ela que assegura a espécie humana o domínio das demais criaturas, sendo assim possuir uma alma racional é um dom precioso para o homem.

A superação do mal está na razão humana, ou seja, “*quando a alma começar a dominar o mundo em vez de ser dominada por ele então não haverá mais nenhum mal para ela*”.¹⁰⁹ A superação do mal conforme expressa por Agostinho persiste na percepção racional da alma, isto é, no sentido em que ela constata sua superioridade em relação aos bens temporais e não se deixa persuadir por eles. Dessa forma, “*haverá novo céu e nova terra*”, onde os seres serão restaurados na sua plenitude, ou seja, corpo e alma retornarão à sua estabilidade primitiva recuperando completamente sua integridade.

A restituição primitiva do ser rompe totalmente com o mal e com todas as consequências trazidas por ele. O pecado que culmina na morte e esta por sua vez

¹⁰⁸ NOVAES, op. cit. – p. 292

¹⁰⁹ AGOSTINHO – (*A verdadeira religião; O cuidado devido aos mortos*), 2002 – p. 67

precipita o ser que morre no nada não existirão¹¹⁰, todas as mazelas serão desfeitas e a vida saíra vitoriosa. Outrora dispersos e sujeitos a todos os tipos de males, o homem terá sua unidade restituída e a morte totalmente vencida.

O trajeto percorrido pelo hiponense na construção de uma resposta satisfatória ao problema que se apresentava se finda com a restauração final do ser e conseqüentemente na superação do mal. Para o hiponense, a superação do mal está na razão humana e conseqüentemente na capacidade transcendental que o homem possui para superar suas paixões efêmeras tendo em vista a união plena com o Criador e a vida feliz.

¹¹⁰ Quanto mais o ser se sujeita à corrupção, mais próximo da morte ele ficará, mas o ser que morre não morre completamente, pois o seu ser é assegurado por outrem. A morte é identificada por Agostinho como distanciamento dos preceitos divinos, ou seja, o ser deixa de participar da essência e quanto mais morre menos são.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada apresentou alguns aspectos fundamentais do pensamento agostiniano contidos na obra *De vera religione*. Num primeiro momento, fica claro o objetivo do autor em demonstrar ao seu amigo Romaniano as verdades relacionadas ao cristianismo com o intuito de reverter a opção religiosa dele. Para isso, o autor refutou as teorias contidas na doutrina maniqueísta apresentando as verdades concernentes ao catolicismo. Contudo, o problema que será enfatizado pelo hiponense centra-se na segunda parte da obra, na qual ele refuta a teoria dualista dos maniqueus a respeito da origem do mal.

Os problemas tratados no *De vera religione* não são frutos do acaso ou questões isoladas do pensamento de Agostinho. Desta forma, fica evidente desde o início do trabalho, o trajeto percorrido pelo hiponense na busca de uma solução aos problemas abordados. O bispo de Hipona sentiu em sua própria carne a experiência do mal, por isso ele se dedicou ao estudo do problema com a intenção de solucionar tal questão. É a partir dessa preocupação que o hiponense irá transitar por várias correntes de pensamento, entre elas o neoplatonismo e o maniqueísmo, nas quais ele entrever uma resposta ao problema especialmente no neoplatonismo.

A resposta elaborada por Agostinho ao problema do mal está profundamente marcada pela visão cristã, que serviu de base para a defesa agostiniana contra os maniqueus e para a construção do pensamento original do hiponense. Todo o trajeto percorrido por Agostinho na busca de uma solução à questão do mal desemboca no pensamento cristão, segundo o qual tudo que o Criador fez é bom e merece ser louvado, pois participa da bondade suprema de Deus. O mal no contexto da filosofia cristã trata-se de uma vontade desregrada do homem, enquanto responsável pelo dom recebido do Criador, isto é, o livre-arbítrio.

Para Agostinho, Deus é o Ser supremo, o Bem por excelência. É para ele que o livre-arbítrio humano deve direcionar-se. Enquanto ser existente no mundo, o homem deve orientar sua vontade livre segundo a razão, ou seja, utilizar os bens efêmeros apenas como meios para alcançar e fruir da única felicidade completa, isto é, o repouso no Deus Criador. A razão é um dom concedido por Deus aos homens para que através dela eles pudessem ascender ao conhecimento verdadeiro, isto é, passando do

conhecimento sensível ao conhecimento da Verdade única e absoluta, completamente transcendente, o sumo Bem. Pelo poder racional, o homem move-se, enquanto ser cognoscente e moral, de acordo com a ordem estabelecida pelo Criador. O mal reside no afastamento dessa ordem fazendo com que o homem ceda à concupiscência do pecado.

Neste itinerário na busca de uma solução ao problema do mal, Agostinho pretende demonstrar a existência de uma verdade absoluta e suprema, para a qual deve tender a vontade humana. Enquanto potência autodeterminante e dotada de livre-arbítrio, a vontade torna o homem responsável perante suas ações. Desse modo, Agostinho consegue desvincular a responsabilidade de Deus sobre a existência do mal no mundo atribuindo a origem dele ao agente moral e dotado de livre-arbítrio, ou seja, aos homens.

O livre-arbítrio da vontade merece um destaque especial nesta discussão a respeito da origem do mal por ser a potência que determina a responsabilidade do homem pelas ações morais. Mesmo diante da presciência divina, o livre-arbítrio é preservado de tal modo que o supremo bem jamais irá contra ela. Desde a queda do primeiro homem, que ocasionou o pecado original, o livre-arbítrio é uma força presente. Sabendo Deus, por ser presciente, que todo o ser humano estaria marcado pela concupiscência, oferece sua graça no intuito de reerguer o livre-arbítrio enfraquecido pelo pecado dos primeiros pais, desse modo, livre-arbítrio e presciência divina são perfeitamente conciliáveis.

A superação do mal se inscreve primeiramente na capacidade racional que os homens possuem, desse modo, eles serão capazes de superar os bens passageiros tendo em vista a verdade eterna e imutável. O trajeto trilhado pelo hiponense no *De vera religione* culmina numa restauração completa do ser, isto é, na medida em que o homem consegue libertar-se das artimanhas do mal, alcançando a vida eterna, deste modo eles irão vislumbrar a beleza do Uno transcendente e eterno e não sofrerá mais as consequências acarretadas por ele, superando definitivamente o pecado e a morte.

BIBLIOGRAFIA

Obras de Agostinho:

_____. *A verdadeira religião; O cuidado devido aos mortos*; tradução de Nair de Assis Oliveira. – São Paulo: Paulus, 2002;

_____. *O livre-arbítrio*; tradução, organização, introdução e notas de Nair de Assis Oliveira; revisão de Honório Dalbosco. – São Paulo: Paulus, 1995;

_____. *A Natureza do Bem*; tradução de Carlos AncêdeNougué/apresentação Sidney Silveira. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006;

_____. *Confissões*; tradução e notas de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristinade Castro-Maia de Sousa Pimentel; introdução de Manuel Barbosa da Costa Freitas; notas de âmbito filosófico de Manuel da Costa Freitas e José Maria Silva Rosa. Edição bilíngue. – Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004;

_____. *Comentário ao Gênesis*; tradução de Agustino Belmonte. – São Paulo: Paulus, 2005;

Outras obras citadas:

BROWN, P. *Santo Agostinho*; Uma biografia; tradução de Vera Ribeiro. 6. edição. Rio de Janeiro: Record, 2011;

BOEHNER, P; GILSON, E. *História da Filosofia Cristã*: desde as origens até Nicolau de Cusa; tradução de Raimundo Vier. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1985;

EVANS, G. R. *Agostinho – sobre o mal*; tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995;

REALE, G. *Plotino e o Neoplatonismo*; tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz; Marcelo Perine. – São Paulo: Edições Loyola, 1994;

MATTHEWS, Gareth B. *Santo Agostinho: a vida e as ideias de um filósofo adiante de seu tempo*; tradução de Álvaro Cabral. – Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2007;

BONNER, Gerald. DODARO, Robert. LAWLESS, George. *Agostinho e seus críticos*; tradução de Caio Pereira. – Curitiba: Scripta Publicações, 2013;

VAZ, Henrique C. de Lima. *Ontologia e história: escritos de filosofia*. 2ª ed. – São Paulo: Loyola, 2012;

GILSON, Étienne. *Introdução ao estudo de santo Agostinho*; tradução de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. – São Paulo: Discurso. Paulus, 2006;

NOVAES, Moacyr. *A razão em exercício: estudos sobre a filosofia de Agostinho*. 2ª ed. – São Paulo: Discurso. Paulus, 2009.